

# Controle impede disseminação da Aids

Arquivo

O controle de todo o sangue coletado, a ser utilizado pela Fundação Hospitalar e pelo Hospital Universitário de Brasília, vem garantindo que no Distrito Federal não exista nenhum caso de Aids por transfusão, na rede pública. O Hemocentro de Brasília controla todo o sangue recolhido e realiza exames de HIV em amostras de cada possível doador. Este ano, dos cerca de 30 mil doadores em potencial, 0,2% foram excluídos por serem portadores do vírus da Aids. "Com o controle preventivo, evitamos que o sangue contaminado de cerca de 60 portadores do vírus fosse utilizado", destacou a diretora do Hemocentro, Maria de Fátima Portela.

Entre os exames extras solicitados para pacientes ou pessoas que procuram a rede pública, a Aids foi constatada em 7,5% dos casos. O percentual entre os doadores do Hemocentro foi muito menor em função de haver uma triagem.

O controle realizado pelo Hemocentro de Brasília sobre o sangue a ser utilizado pela Fundação Hospitalar e pelo Hospital Universitário deu resultado positivo: até hoje não foi registrado nenhum caso de contaminação através de transfusão em toda a rede hospitalar pública



O Hemocentro de Brasília controla todo o sangue e realiza exames de HIV em todos os doadores

Márcio Batista



Atendimento de crianças: baixo índice de mortalidade

## Cai mortalidade infantil

Dentre os indicadores de saúde do Distrito Federal, a mortalidade infantil é um dos mais significativos, já que a região apresenta o menor índice do País. São 23,8 óbitos por grupo de 1 mil nascidos-vivos. Esses dados foram levantados pelo Departamento de Saúde Pública da Secretaria de Saúde, correspondendo ao ano de 1991. A taxa de mortalidade vem apresentando queda desde 1990, quando era de 27,3. Na década de 70, o índice de mortalidade do DF já chegou a 52 mortes para cada mil crianças nascidas.

No ano passado, foram registradas 931 mortes de crianças antes de completar um ano de vida. Apesar da redução da taxa global de mortalidade, a situação apresenta discrepâncias localizadas, como é o caso do Gama, que teve a taxa elevada de 22 óbitos para 25, entre 1990 e 1991. A menor taxa de mortalidade é a do Plano Piloto, com 11,8 mortes para cada mil crianças. Planaltina apresenta o maior índice, três vezes superior

ao de Brasília. Na satélite para cada mil crianças que nascem, 33 morrem antes de completar um ano.

Além da taxa, foram pesquisadas também as principais causas de mortalidade no DF. Entre as seis mais importantes, estão as afecções originadas no período perinatal, que vitimou 486 crianças, representando 52,2% das mortes. Esses óbitos estão associados a patologias do período da gravidez ou ao trabalho de parto. Outras causas de destaque são as anomalias congênitas (16,3%) e doenças do aparelho respiratório (9,1%). A seguir aparecem as doenças endócrinas, metabólicas e nutricionais. A principal é a desnutrição, que matou 34 crianças no ano de 1991.

A Secretaria de Saúde aponta como responsável pela queda da mortalidade infantil a assistência à saúde da mulher. As consultas pré-natais são da ordem de 4,5 por gestante, quando a Organização Mundial de Saúde recomenda cinco.